

**O PORTO DO RIO E SEUS BAIRROS:  
CULTURA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS VOZES DE SEUS  
MORADORES**

***Euler David de Siqueira***

Universidade Federal de Juiz de Fora

Doutor em Sociologia pelo IFCS/UFRJ

[euler.david@uff.edu.br](mailto:euler.david@uff.edu.br)

**VOZES DOS PORTOS**

“Vozes do porto: memória e história oral”, organizado por Icléia Thiesen, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros e Marco Aurélio Santana, publicado pela DP&A/UNIRIO, 2005, 212p., fornece um rico e precioso material sobre aspectos muito pouco conhecidos das populações que habitam e constroem suas vidas nas imediações do porto do Rio de Janeiro. Através do recurso metodológico da história oral, 17 pesquisadores resgatam parte da memória coletivamente tecida nos bairros portuários, notadamente, Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Olhar para esses bairros, as vidas e memórias que estão atrás do porto do Rio de Janeiro, sem perdê-lo de vista jamais, é uma janela privilegiada pela qual podemos observar parte da história da cidade e da trajetória de seus moradores.

Muitas são as vozes assim como os portos da cidade do Rio de Janeiro. São, em grande sentido, representações simbólicas e práticas sociais que se expressam no porto e para o porto. Portos de lutas, de vivências, de memórias e lembranças, mas também de esquecimentos e saudades. Ao contrário de um porto unitário, frio e impessoal, onde reinaria uma lógica absoluta da racionalidade instrumental, temos um porto plural, quente, denso e complexo de tradições, histórias e imaginários de seus trabalhadores. No entorno do porto do Rio de Janeiro vivem pessoas com diferentes origens e classes sociais que, com ele, mantém alguma relação. Da mesma forma que as mercadorias, movimentadas nos diversos terminais do cais do porto do Rio, também pessoas vão e vem por esse espaço deixando suas marcas ao mesmo tempo em que reinscrevem o território a cada dia. As categorias de trabalhadores portuários também refletem a pluralidade desse universo ambíguo e fluído que é o porto. Seus trabalhadores, por exemplo, eram divididos entre os empregados das administrações

portuárias públicas em outras épocas ditas gloriosas - os assim chamados portuários, com maior estabilidade no emprego e garantias sociais - e os trabalhadores autônomos ou avulsos, a grande maioria, com pouca ou nenhuma estabilidade. Enquanto os primeiros gozavam da proteção do Estado, que controlava a movimentação da mercadoria do costado até seus armazéns, os avulsos tiveram de organizar-se a fim de garantir o closed shop, única forma de luta operária possível de garantir alguma compensação diante de sua situação extremamente precária de trabalho na orla portuária.

O porto do Rio engloba aquilo que mostra e o que se oculta. Ele se desdobra entre o que se passa dentro de suas muralhas, longe dos olhos alheios daqueles que cortam a avenida Francisco Bicalho e aqueles que nele inscreve e escrevem um espaço entrecortado de lutas, conflitos e solidariedades nos bairros. Universo da diferença, encontro entre aqueles que chegam hoje e amanhã vão embora com aqueles que ficam, o porto concentra estivadores, portuários, bloqueiros, vigias, capatazes, arrumadores, consertadores, enfim, aqueles que movimentam não só mercadorias, mas também as idéias e representações que com elas alimentam e dão vida a esse espaço. Como lugar complexo, o porto reúne, em torno de si, inúmeros eixos e esferas da vida social, política e econômica. Reúne também os mais diferentes modais de transporte, tais como o ferroviário, o rodoviário e o aeroviário. Quando em greve, o porto pode paralisar toda a economia de todo um país. Por isso, sua condição estratégica singular e sua aproximação particular com o Estado, nomeadamente o de Vargas.

## **PORTOS DE SENTIDOS**

Enfrentando momentos de crescimento e decadência, a importância do porto do Rio de Janeiro pode ser constatada quando inúmeros pesquisadores da área de ciências humanas se lançam a pesquisá-lo assim como a seu entorno, seus moradores e suas histórias, verdadeiras redes tecidas e negociadas no cotidiano de bairros que experimentam períodos de glória e abandono sem, contudo, perderem a esperança em um novo recomeço. Dos vários capítulos do livro, faço um recorte de três com o objetivo de explicitar alguns dos muitos sentidos presentes nas memórias de seus trabalhadores e moradores. É dessa forma que em “Trabalho e sociabilidade no Rio de Janeiro: história e memórias de um porto em movimento”, Marco Aurélio Santana e Carolina Penafiel de Queiroz procuram conhecer aspectos históricos da constituição do porto do Rio e suas relações com as grandes mudanças nos cenários político e econômico da cidade. Através dos relatos orais de trabalhadores, ambos os pesquisadores têm acesso a um porto concreto, vivido cotidianamente pelos trabalhadores do porto e suas relações com o trabalho portuário e seus locais de habitação. Já em “Porto da saudade: grandeza e decadência dos bairros portuários do Rio de Janeiro na memória de sobreviventes”,

a professora e pesquisadora Dr.<sup>a</sup> Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros busca ler parte da história da cidade do Rio de Janeiro a partir dos depoimentos daqueles que viveram e presenciaram grandes intervenções e mudanças políticas, econômicas e sociais ao longo das décadas de 30, 40 e 50. Nesse período histórico, constitui-se algo que se pode chamar de um Estado de bem-estar social à brasileira. Nessas três décadas, os bairros portuários viveram um período áureo. A sociedade brasileira modernizava-se nesse período ao mesmo tempo em que era implantado no Brasil o fenômeno do rádio e as oportunidades de um desenvolvimento traduzido por políticas de construções de escolas e de trabalho com carteira assinada e a criação dos Institutos de pensões e aposentadorias (IAPs). O objetivo de Luitgarde é o de compreender as mudanças da sociedade brasileira contemporânea através dos relatos orais de representantes dos setores pobres da cidade do Rio de Janeiro. Na região que pesquisa, Luitgarde pôde perceber algo como uma hegemonia varguista, juelinista e janguista. Contudo, no período da repressão militar e das reformas do prefeito Marcos Tamoio, desativam-se os núcleos de sociabilidade dessa região, como o campo de futebol e as grandes escolas da Saúde. É nessa complexa rede de sociabilidade, presente na produção de quermesses, blocos carnavalescos, jogos e brincadeiras que nasceu Joel Fragoso da Fonseca, Morador itinerante da Saúde. A entrevista com Joel, homossexual também chamado de Capilé, por exemplo, nos mostra a relação entre a decadência dos bairros portuários e a vida do entrevistado: doente, vivendo em péssimas condições e sem nenhum auxílio da previdência. Em “Gênero, trabalho e exclusão: mulheres nordestinas no porto do Rio de Janeiro”, Maria Manuela Alves Maia, Icléia Thiesen e Fernanda Estevam de Carvalho narram a história de três mulheres migrantes nordestinas cujas trajetórias de vida revelam personagens e imaginários muito além daqueles ligados aos mitos de heróis fantásticos como o do malandro, no entorno portuário. Indo além das idéias convencionais que somente vêem indivíduos ao invés de relações, as autoras nos mostram como três mulheres, ao contarem suas vidas, estabelecem redes de significações inseridas no interior de construções coletivas. Nas vozes dessas três mulheres, surge um futuro incerto; naturaliza-se a pobreza e conhece-se a impotência diante de forças contra as quais os indivíduos nada podem fazer. Através de uma narrativa que mostra as dificuldades em torno da realização do sonho da habitação própria, percorremos uma trajetória de sofrimento, exclusão e invisibilidade social que não descarta, no final, a esperança e a justiça.

“Vozes do porto: memória e história oral”, acredito, é leitura obrigatória àqueles que pretendem estudar o porto do Rio de Janeiro assim como aqueles que vivem nos bairros que com ele mantém uma relação de proximidade e de distância ao mesmo tempo. Diante da decadência das condições de vida e sociabilidade, ainda que haja resistências de seus moradores, os anúncios de mudanças e transformações prometidas a essa região se voltam para outros públicos e consumidores ávidos por desfrutarem de uma das regiões mais significativas e importantes da cidade do Rio de Janeiro. Afinal, para que e para quem seriam marinas sofisticadas, museus, espaços gastronômicos, hotéis luxuosos senão para turistas e

as camadas médias altas da sociedade carioca e brasileira em gozo de seu tempo livre? Ao contrário de um movimento de revitalização que leve em contas as histórias, memórias, lembranças e tradições vividas por muitos moradores e trabalhadores do porto do Rio, tecem-se políticas que caminham na contramão do que tradicionalmente o porto e os bairros da região teceram ao longo de sucessivas gerações.

#### **REFERÊNCIAS :**

VOZES DO PORTO: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL. Icléia Thiesen *et. al.* Rio de Janeiro : DP&A/UNIRIO, 2005. 212p.

SIQUEIRA, Euler David de. *Portos do Rio, trabalhadores do mar: privatização e racionalização dos portos em Sepetiba e Rio de Janeiro.* Tese (Doutorado) – IFCS, UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Cidades e portos: metamorfoses em espaços sociais complexos. In: *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura.* Rio de Janeiro: Eduerj, 2005. p.111-141